

## ESPERANÇA DA CIVILIZAÇÃO MECÂNICA

### A HABITAÇÃO

**UNIDADE!** A barbárie, os conflitos, estão aquém ou além da unidade. Um dia virá em que a unidade há de florescer e espalhar-se por todas as coisas. Tudo será harmonia, sorriso e serenidade.

Estamos hoje empenhados, até ao cúmulo do esforço, na conquista da unidade.

Assim, no filme de Epstein recentemente apresentado na sala Pleyel pela Federação das Construções, apareceram, numa majestade comovente, imagens da Catedral de Chartres—por dentro e por fora—banhadas de música de ábside. Era nessa hora intensa da idade média, a mais bela maré de forças amigas e unânimes. Em seguida, os episódios sucederam-se numa descida decepcionante até à queda neste póço de brutalidade e inconsciência: os sec. XIX e XX.

Seiscentos anos de descida, de ruptura sempre mais acentuada, entre causas e efeitos. A unidade perdendo as suas primeiras razões, a unidade pulverizada no fim da corrida... No entanto, há cem anos, o ciclo das grandes descobertas estava aberto: causas lentas, profundas, inevitáveis, de efeitos que haviam de vir. Tanto que existe agora, sob forma de espera, esta realidade escondida sob o estalar das tempestades: uma maroça unânime para uma nova unidade. A aproximação eminentemente duma era de civilização na unidade. A unidade que nos é precisa, no tumulto imenso de tomar o presente às mãos cheias. E torná-la evidente, fazer dela a razão da nossa vida.

A causa: técnica e maquinismo. O efeito: a arte. *Técnica e arte*, melhor do que arte e técnica. Porque arte e técnica não parecem afirmar senão uma intenção frágil: introduzir as técnicas na arte moderna. Viu-se isso na Exposição de 37. Foi um entretenimento pueril: um quebra cabeças para fazer aparecer, sob todos os pretextos, objectos técnicos ou alusões técnicas, em saladas destinadas a fazer-nos crer que a vida é bela. Uma vida de supérfluo, uma vida de complemento, uma vida acrescentada à real, à cruel. Salada para carteiras bem recheadas e snobs, tentativa do exterior para o interior e não do interior para o exterior. Tentativa illusória, porque o interior está ocupado, completo e duro. É a vida tal qual, e o que se propunha aqui não era mais do que enfeite. Ainda uma vez, mascarada pelo ornato, pálido reflexo duma «Exposição das Artes decorativas de 1925», que julgávamos para sempre

vencida. Arte e técnica, divertimento de decoradores. Decorar a vida! Que disparate! Fazer a vida, sim! Fazer a vida bela, sim! Tratava-se de reconhecer um fenómeno, de resto são e natural: *existindo as técnicas, a arte é o seu florescimento*. Arte: «aplicação dos conhecimentos à realização duma concepção» (dicionário). A arte não é uma especialidade corporativa; a arte é a maneira de bem fazer, em todas as acções e produções duma sociedade. E a que ponto esta afirmação se torna comovente, se se decide admitir que a sociedade presente (a maquinista) está em plena elaboração duma civilização! Então tudo resplandece e tudo pode compreender-se e explicar-se.

Se o móbil que impulsiona os nossos actos é a técnica maquinista, a direcção da marcha é fornecida por uma aspiração, uma esperança: a consciência está em jogo, ópera e, lendo nos acontecimentos, distingue, escolhe, decide e fixa a utilidade. A utilidade é trazer a felicidade em recompensa do esforço. A felicidade é um sentimento nascido da certeza de que o esforço realizado por cada um (participação) se junta ao esforço dos outros e, produzindo o equilíbrio, banindo as misérias desesperadoras, elevando o nível de todos, fixando a solidariedade de tudo, coordenando, numa ética unânime, os actos empreendidos, ela manifesta-se por uma estética radiosa de unidade. É uma tendência. A consciência da sociedade maquinista acordou; proclama a *solidariedade*.

A palavra e a coisa, que é uma manifestação de solidariedade, surgiu, em todo o mundo, na encruzilhada de todas as análises, no cruzamento de todos os programas, sobre a trajetória de todas as técnicas: o *urbanismo*. A urbanização é a missão própria duma sociedade. Na hora presente, quando nenhum urbanismo consegue meter na ordem o mundo, o urbanismo no entanto está de pé em toda a parte, em potência nas próprias coisas. Eis a hora de o saber, de o reconhecer e de impôr a sua chegada.

O acontecimento é imenso. Para que servem, nos dias amargos do presente, tanta gesticulação, contramarchas, ódios, esforços arremessados

uns contra os outros, anulando-se? Para desesperar a legião de pessoas honestas.

A política é a execução do plano. Onde está o plano—o plano real e humano, o das alegrias dos nossos corações e dos nossos espíritos, o da vida sã em que os elementos que dão alegria estão presentes?

Se tomássemos pela mão as multidões, para ver como elas são feitas: de corpo e de espírito, iríamos ao seu lar ver onde e como se abrigam. Onde, como e de que falamos, de que são feitas as suas ocupações e as suas preocupações, qual é a nésga de céu azul que abre nas suas almas martirizadas ou enfraquecidas uma porta de esperança.

Entrastes nas suas casas. Percorrestes a rua, o bairro, a cidade. Experimentastes o infinito desencantamento destas coisas desleixadas. Ficastes estupefactos, tristes, revoltados. Dissestes-nos: «O quê, esta civilização nova e brilhante de exactidão, de pontualidade, de equilíbrio, duma mecânica e matemática rigorosas, atola-se em tal miséria?» Pensai na raposa na floresta, na ave nas árvores, no peixe na água. Lutam, a cada minuto, para subsistir, alimentar-se, defender-se. Bem entendido, mas ao menos, a raposa tem a floresta, a ave a folhagem, o peixe o ribeiro, o rio ou o oceano. Enquanto que o homem perdeu o sol, o céu e as árvores—as próprias causas da sua biologia. E vegeta em condições antinaturais.

Basta-me este primeiro veredicto para expôr o problema total do urbanismo, isto é, o da morada.

A morada de cada um, inteira, completa, necessária e suficiente, biológica—a morada do bicho-homem. E esta morada aglomerada em cidades, o lugar das acções regulares cotidianas da formiga-homem ou da abelha-homem.

A formiga e a abelha tem a morada correspondente à sua actividade cotidiana. Nós, não!

«Rua sem saída», «A rua sem nome», «A rua sem sol». O cinema mal ousa, de tempos a tempos, olhar de relance a grande miséria deste tempo.

Pelo contrário, no país das cidades deshumanas, nos E. U. A., montou Hollywood com todas as máquinas, com as suas deusas e os seus deuses,

para levar um sol artificial aos corações martirizados.

Isto não dá vontade de dar 100 «sous» ou 10 francos para nos enterrarmos no lodaçal da miséria humana.

A Côte d'Azur ou a Califórnia são o vinho quente e doce servido aos corações gelados. Sol, espaço, árvores.

Sol, espaço, árvores: lei do urbanismo.

Depois do após-guerra, esta habitação: luz, espaço, verdura, nasceu e conquistou o mundo. Por toda a parte brotou. Brotou esporadicamente, excepcionalmente, raramente, por culpa do urbanismo.

Porque o urbanismo serve para qualquer coisa. Não para arrancar um traço selvagem que será uma rua para sempre e de que um lado, por exemplo, jamais receberá a alegria do sol: e milhares de famílias mergulhadas em condições biológicas precárias, crescerão lentamente de tuberculose. Um traço selvagem que fará que as casas se levantem, face a face, a 9 metros umas das outras, a 11 metros, a 15 metros, ou a 25 metros: a muralha na frente, o muro, a barragem, a sufocação. Um traço selvagem, que será o leito dos veículos do tempo: a desordem do dia calmo, o alarido infernal diante das janelas, a torrente de automóveis, o perigo dos carros nesta confusão, velha ou de há pouco tempo: a rua sem sol, a rua sem saída, a rua sem nome...

O trabalho da máquina (a fábrica, a manufactura, o escritório, a administração) já não é o que foi até aqui: uma matéria amassada pelas mãos, sob a vigilância e a injunção dum espírito alerta. O trabalho moderno é, em grande parte, um serviço de servo, a pé, diante ou em volta da máquina.

Deu-se a separação entre a cabeça e as mãos.

O acto de criar está reservado a alguns. E o dia tornou-se triste, enquadrado nestes dois movimentos deprimentes: ir ao trabalho e voltar do trabalho. E depois? O quê? A rua? A rua, por vezes divertida, em certos locais favorecidos, onde se ostenta o produto luxuoso e engenhoso das invenções modernas.

Algures é quasi por toda a parte, a rua monótona.

Ao fim da rua, a porta, o pátio, a escada, a porta de casa, o quarto. O quarto onde se está só ou então o quarto onde se estiola. A noite vem

(Continua na página seguinte)